

V CBEO - Curitiba



V CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS
Curitiba-PR - Brasil

O ENGAJAMENTO ENTRE PESQUISADORES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ À
LUZ DA ÉTICA DO SUJEITO DE MICHEL FOUCAULT

Janine Marinho de Oliveira (UEM) - janine.marinho7@gmail.com

Mestre em ADMINISTRAÇÃO pela UEM (2016). Atualmente é professora/pesquisadora no curso de Administração da Instituição Adventista Sul Brasileira de Educação.

João Marcelo Crubellate (UEM) - jmcrubellate@gmail.com

Professor no Departamento de Administração e no Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá (PR).

1 INTRODUÇÃO

Entre as atividades de um professor/pesquisador hoje, a produção acadêmica¹ tem sido uma das atividades que mais têm demandado tempo e esforços dos docentes. Para ter condições de realizarem suas pesquisas, muitos professores têm sua carga horária semanal em sala de aula reduzida, de maneira a facilitar a realização das mesmas; porém, para muitos, esse tempo dentro de sua jornada semanal destinado à pesquisa não é suficiente, fazendo com que realizem uma jornada extra em prol da produção acadêmica.

Tal envolvimento com a pesquisa poderia ser justificado pelo fato dos programas de pós-graduação das universidades públicas brasileiras serem avaliados, entre outros parâmetros, pela produtividade dos seus docentes. A CAPES² avalia o programa, que por sua vez, avalia o professor. A avaliação se dá por meio da pontuação alcançada pelo professor dentro de um determinado período de tempo.

Por exemplo, para ser enquadrado no conceito “Muito Bom”, o professor da área de Administração, tem que alcançar pelo menos 200 pontos de produção bibliográfica no quadriênio, considerando a pontuação obtida de acordo com o Qualis de cada publicação, o que equivale entre duas a quatro produções em estratos maior ou igual a B2/ L2³.

De acordo com a Capes⁴, o sistema de avaliação, continuamente aperfeiçoado, serve de instrumento para a comunidade universitária na busca de um padrão de excelência acadêmica para os mestrados e doutorados nacionais. Os resultados da avaliação servem de base para a formulação de políticas para a área de pós-graduação, bem como para o dimensionamento das ações de fomento (bolsas de estudo, auxílios, apoios).

Contudo, para Xavier e Godoi (2010), o sistema de publicações nas ciências sociais aplicadas no Brasil, especificamente na administração, pode ter se tornado alvo de processo de controle análogo ao panóptico em razão de alguns elementos: o observador ver a todos sem ser visto e o observado saber que está sendo monitorado e alterar seu comportamento em função disso, já que desconhece de que forma, quando e por quem é visto. O pesquisador, neste caso, age sempre como se estivesse sendo observado através de suas publicações ou de outras informações públicas, por exemplo, o Currículo Lattes (XAVIER E GODOI, 2010, p. 97-98).

¹ Neste artigo, produção acadêmica se refere à publicação de artigos, livros e/ou capítulos de livros.

² Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

³ Disponível em: <http://www.capes.gov.br/component/content/article/44-avaliacao/4649-administracao-ciencias-contabeis-e-turismo>. Acesso em: 25/02/2018.

⁴ Sobre a missão da Capes. Disponível em <http://www.capes.gov.br/historia-e-missao>. Acesso em: 25/02/2018.

Para Boas e Morin (2016) há uma enorme demanda para a publicação em periódicos de alta qualidade para apoiar a carreira do profissional e manter os programas de pós-graduação. Por conseguinte, os professores precisam assumir atividades técnicas, a fim de apresentar projetos de pesquisa, realizar pesquisas e elaborar relatórios para obter material adequado para publicar. Segundo as autoras esse papel tem aumentado o estresse acadêmico para professores e pesquisadores e tem com isso afetado a qualidade de vida no trabalho.

Isso se deve ao fato de que para publicar, os professores precisam trabalhar mais horas e se dedicar às suas próprias pesquisas e às pesquisas de seus alunos de mestrado, doutorado e pós-doutorado. Todas essas pressões levam o estresse relacionado ao trabalho, ao desequilíbrio entre vida e trabalho, tensão mental, física e emocional, e pode causar diferentes problemas de saúde e até mesmo de relacionamento no ambiente de trabalho. Em outras palavras, pode-se dizer que a qualidade de vida no trabalho para os acadêmicos tem sido drasticamente afetada pelas exigências do trabalho, ou mais precisamente pelas demandas de publicação (BOAS E MORIN, 2016).

Os participantes desta pesquisa apresentaram uma produção média de 15 trabalhos por ano e diante de números como este, alguns artigos publicados no Brasil (XAVIER E GODOI, 2010; PATRUS, DANTAS E SHIGAKI, 2015; TOURINHO E PALHA, 2014; FREITAS, 2011) fazem uma discussão com vistas a criticar o produtivismo ou o sistema de avaliação da produção acadêmica no país.

Argumentos como o de Freitas (2011), de que o professor-pesquisador é cada vez mais pressionado a ser um faz-tudo e certamente a sobrecarga de trabalho e o uso de seu tempo pessoal de férias e de finais de semana tornam o pesquisador um apagador de incêndios, indo de um prazo a vencer a outro, são comuns nestes trabalhos.

Para Freitas (2011) trata-se uma produção intelectual que só vale a cada três anos, que é o tempo de avaliação dos programas pela Capes⁵ – e que logo em seguida é descartada, e então está aberta a nova temporada de caça. Freitas (2011) considera o atual sistema de avaliação como um modelo voraz, pois nele só o que importa é o próximo resultado, que garante ao acadêmico manter o emprego, na medida em que as instituições também são avaliadas por esta produção e precisam de mais números para alcançar posições mais elevadas ou simplesmente se manter no jogo (FREITAS, 2011). Para a autora, no discurso, fala-se em equipes; na avaliação, fala-se em indivíduo tendo que matar vários leões ao mesmo tempo para não morrer no próximo triênio.

⁵ Até o ano de 2012 a avaliação da Capes era trienal, mas conforme a Resolução 05-2014, Art. 1º, a partir de 2013 passou a ser realizada abrangendo o período avaliativo de quatro anos.

Contra-pondo a essa visão unilateral do sistema que estes trabalhos trazem à tona, é que no presente artigo queremos dar outra possibilidade de interpretação para este fenômeno. Partimos do princípio de que o professor-pesquisador que é cobrado por duas ou três publicações por ano para se manter e/ou manter o seu programa, mas que está produzindo uma média de 15 trabalhos por ano, não pode ser apenas um coitado subjugado a este sistema “voraz”; ele não está “matando leões” a cada triênio para sobreviver, têm que haver algo mais, algum sentido para tal engajamento.

Cabe ressaltar que não adotamos postura alguma no que diz respeito a ser contra ou a favor do sistema de avaliação brasileiro, bem como afirmar se o mesmo é válido ou não, apenas questionamos a maneira como o sujeito pesquisador tem se relacionado com as regras da sua atividade de trabalho.

Vale destacar que a CAPES é formada também pelos próprios professores/pesquisadores e que a crítica exacerbada a esse modelo de avaliação, ou mesmo a essa instituição, muitas vezes esconde um ponto importante que é a tecnificação do processo, ou seja, a necessidade da predominância de um sentido “sistêmico” para o processo.

Diante do exposto, o que vemos hoje é um grupo de professores, principalmente aqueles ligados a programas de mestrado e doutorado *stricto sensu*, crescentemente engajados com a produção acadêmica. Pesquisadores que produzem não apenas por obrigação, para alcançar os pontos que a CAPES estipula num determinado período de avaliação, mas que obrigam a si mesmos e aos outros a produzirem. Nesse sentido, esta pesquisa propõe entender qual o sentido do engajamento com a produção acadêmica entre os pesquisadores da Universidade Estadual de Maringá (UEM) à luz da ética do sujeito de Michel Foucault. Primeiramente apontaremos aqui alguns pontos conceituais que conduziram o nosso entendimento de engajamento no trabalho e qual a relação desse conceito com a ética do sujeito de Michel Foucault.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Partindo da ideia de Foucault (1997) de que os indivíduos jamais são o alvo inerte ou consentidor do poder, mas são sempre seus intermediários, consentimos com o autor que o poder tem que ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Para Foucault (1997), jamais o poder está localizado aqui ou ali, jamais está entre as mãos de alguns, jamais é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona. Foucault (1997) sustenta que o poder se exerce em rede e, nessa rede, não só os indivíduos

circulam, mas estão sempre em posição de serem submetidos a esse poder e também de exercê-lo. Assim, o poder transita pelos indivíduos, não se aplica a eles (FOUCAULT, 1997, p. 26).

Nesse sentido, o exercício do poder consiste em "conduzir condutas" e em ordenar a probabilidade. A "conduta" é, ao mesmo tempo o ato de "conduzir" os outros (segundo mecanismos de coerção mais ou menos estritos) e a maneira de se comportar num campo mais ou menos aberto de possibilidades (FOUCAULT, 2009a, p. 243).

Candiotto (2010) acrescenta baseado em Foucault, que conduzir condutas pode significar tanto a “atividade que consiste em conduzir” quanto “a maneira pela qual nos conduzimos, o modo pelo qual nos deixamos conduzir, a maneira pela qual somos conduzidos e pela qual, por fim, nos comportamos sob efeito de uma conduta que seria ato de conduta ou de condução”.

Neste aspecto, vale destacar a concepção de panóptico⁶ de Foucault, no sentido do exercício da vigilância do sujeito sobre ele mesmo. Segundo Foucault (1987), o efeito mais importante do panóptico é o de induzir o sujeito a um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder (FOUCAULT, 1987, p. 166).

Foucault (1987) lembra que “quem está submetido a um campo de visibilidade, e sabe disso, retoma por sua conta as limitações do poder; fá-las funcionar espontaneamente sobre si mesmo; inscreve em si a relação de poder na qual ele desempenha simultaneamente os dois papéis; torna-se o princípio de sua própria sujeição” (FOUCAULT, 1987, p. 168). Esse fenômeno está relacionado com aquilo que chamamos de sociedade do controle, onde o controle está sobre a mente dos sujeitos e não apenas sobre o corpo físico como na sociedade disciplinar.

Segundo Candiotto (2010), Foucault quis mostrar que tanto os discursos de verdade quanto o que se entende por sujeito, são produzidos, constituídos a partir da articulação entre jogos de regras, mecanismos e estratégias de poder pertencentes às nossas práticas sociais e culturais (CANDIOTTO, 2010, p. 17). Tais regras e mecanismos são tidos como produtores de verdade que o sujeito está disposto a aceitar, a recusar, e a mudar em si mesmo e nas suas circunstâncias (p.20).

Candiotto (2010) afirma que é pelo critério da “evidência” que a manifestação do verdadeiro e a obrigação a qual o indivíduo se encontra de reconhecê-lo e de situá-lo como

⁶ Cabe ressaltar que não consideramos que o panóptico seja o melhor modelo para explicar esse controle do sujeito sobre si mesmo. Entendemos que no panóptico ainda vigora o medo ou o receio de não estar de acordo com a regra, pressupondo uma autovigilância automática do sujeito. Assumimos que a autovigilância se instala com base no engajamento e faz parte do trabalho ético desenvolvido pelo sujeito.

verdadeiro “coincidem” exatamente. A evidência constitui a “demonstração” por excelência de que não há necessidade de outro regime de verdade que se agregaria ao verdadeiro (CANDIOTTO, 2010, p. 68).

Reconhecer algo como evidência, explica Candiottto (2010), implica outro processo que não é da ordem lógica da constatação e da dedução da verdade e do erro, mas do *engagement* e da *profession*. Segundo o autor, a perspectiva do genealogista-arqueólogo é que, no fundo, a verdade é ininteligível sem uma obrigação de verdade, sem o *engagement* do indivíduo, sem seu assujeitamento consentido. Para que um regime de verdade seja “aceito” e justificado é preciso que o sujeito tenha uma “qualificação”: que ele se submeta àquele regime de verdade (CANDIOTTO, 2010, p. 68).

Sobre a peculiaridade do ato de confessar (*avouer ou profession*) e sua importância na produção de verdade entre práticas coercitivas, Candiottto (2010) aponta que para Foucault, o *aveu* identifica-se com o envolvimento do sujeito no reconhecimento da *verdade* que confessa. Envolvimento (*engagement*) que prescinde da obrigação de fazer tal ou qual tarefa, mas simplesmente de tratar de ser o que se confessa ser. O autor ressalta que no *aveu*, aquele que fala engaja-se em ser aquilo que diz ser (CANDIOTTO, 2010, p. 71).

De acordo com Foucault (2006a) essa verdade, aprendida, memorizada, progressivamente aplicada, torna-se então um quase-sujeito que reina soberanamente no sujeito. Para o autor o problema é aprender através do ensino de um certo número de verdades, de doutrinas, as primeiras constituindo os princípios fundamentais e as outras, regras de conduta. Trata-se de fazer com que esses princípios digam em cada situação e de qualquer forma espontaneamente como os sujeitos devem se conduzir.

Dessa forma, Foucault (2009c) destaca quatro formas pelas quais podemos analisar as diferentes maneiras de conduzir-se moralmente e que organizamos os resultados desta pesquisa: a determinação da substância ética (aquilo que o sujeito toma como verdadeiro ou como regra), o modo de sujeição (como o sujeito se vê ligado a essa regra), as formas de elaboração do trabalho ético (o que o sujeito faz para se ajustar à regra) e, por fim, uma teleologia do sujeito moral (uma síntese daquilo que o sujeito se torna ou alcança através das práticas de si).

A respeito dessa relação de si consigo mesmo, Foucault (2009c) entende por ética a existência de um espaço de análise, relacionado ao conceito grego de *ethos*, ou seja, o modo de ser do sujeito e a relação desse sujeito consigo mesmo. Assim, entendemos que o trabalho ético pressupõe um engajamento por parte do sujeito, necessário para a transformação do sujeito naquilo que professa ou almeja ser.

Ao buscarmos na literatura a palavra “engajamento”, comumente encontramos o termo relacionado à temáticas destinadas à área de gestão de pessoas, voltado à análise do comportamento dos empregados.

Nesse sentido, tomamos como referência o conceito de engajamento de Shaufeli e Bakker (2010), entendendo que o engajamento se refere a um estado afetivo-cognitivo mais persistente e penetrante, em vez de um estado emocional momentâneo. Segundo Shaufeli e Bakker (2010) o engajamento envolve vigor, dedicação e absorção. O vigor é caracterizado por altos níveis de energia e resiliência mental durante o trabalho, boa vontade de investir esforços no trabalho e persistir em face das dificuldades. Dedicação se refere a ser fortemente envolvido em um trabalho, experimentando uma sensação de significância, entusiasmo, orgulho e desafio. Absorção é caracterizada como sendo total concentração e feliz absorção em um trabalho, em que o tempo passa depressa e tem dificuldades com o apartar-se do trabalho.

Consentimos com Zarifian (2002), de que o conceito-chave para pensar o engajamento, é o de modulação. Conforme apontado anteriormente, o autor apresenta três formas em que podemos notar como a modulação penetra muito mais fundo na vida social: a modulação da utilização do tempo, do espaço e do engajamento subjetivo (ZARIFIAN, 2002, p. 26). Através destas três formas de modulação podemos identificar como esse engajamento do sujeito está sendo produzido ou exercido.

Antes de passar aos resultados desta pesquisa, apontaremos o caminho metodológico percorrido, bem como as características gerais do grupo participante.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Segundo Foucault (1972), para a análise do espaço discursivo é preciso definir os lugares institucionais onde o indivíduo obtém o seu discurso e “onde este encontra sua origem legítima e seu ponto de aplicação” (p. 66). Assim, considerando que o principal ambiente de exercício da atividade do pesquisador são as instituições públicas de ensino superior, optou-se por realizar esta pesquisa junto aos pesquisadores que compõem o quadro de professores dos programas de doutorado da Universidade Estadual de Maringá. Por pesquisadores, entendem-se nesta pesquisa, os professores de programas de doutorado da UEM.

De acordo com os dados obtidos diretamente na Pró-Reitoria de Recursos Humanos da UEM, o número total de professores vinculados à universidade na ocasião, era

de 1.634 professores, sendo que destes, 808 foram identificados como participantes dos programas de pós-graduação.

Os sujeitos convidados a participar desta pesquisa são pesquisadores que fazem parte dos programas de pós-graduação *stricto sensu* da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Para fins de delimitação e recorte da pesquisa, foram selecionados apenas os programas em nível de doutorado da universidade, sendo selecionados 20 programas dos 23 existentes no momento da coleta de dados.

Dentro desses 20 programas de doutorado, foram identificados 425 professores-pesquisadores, os quais tiveram seus currículos *lattes* analisados para fins de seleção da participação na pesquisa. Foi observado o volume de produção acadêmica de cada professor nos últimos quatro anos. Consideraram-se como produção acadêmica os artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais, bem como capítulos e organização de livros.

Feito este levantamento, os professores foram ordenados por volume de produção em ordem decrescente, do maior para o menor. Foi enviado o convite para participação da pesquisa para os 20 professores com maior volume de publicação. Destes, alguns prontamente responderam positivamente, enquanto outros responderam somente após o envio de um segundo email convite.

Assim, foram entrevistados 12 pesquisadores que se dispuseram a participar desta pesquisa, sendo seis homens e seis mulheres. Com o objetivo de preservar a identidade dos participantes, os departamentos aos quais são vinculados não são citados neste trabalho, apenas as áreas de conhecimento de acordo com a classificação do CNPq. A tabela 1 aponta a distribuição dos participantes.

Tabela 1. Participantes por área de conhecimento

Área	Qtde
Ciências Agrárias	7
Ciências da Saúde	3
Ciências Humanas	2
Total de participantes	12

Fonte: Dados da pesquisa.

O engajamento destes pesquisadores com a produção acadêmica é percebido através da publicação de artigos e capítulo de livros que os mesmos produziram nos últimos quatro anos. O item “livros” também considera a organização de livros. A tabela 2 traz os números de acordo com a área de conhecimento.

Tabela 2. Produção acadêmica por área de conhecimento

Área	Artigos	Livros	Total
Ciências Agrárias	325	32	357
Ciências da Saúde	263	3	266
Ciências Humanas	64	41	105
Total	652	76	728

Fonte: Dados da pesquisa.

A média de publicações por pesquisador com base nestes dados é de 15 artigos/livros por ano, o que está além daquilo que é exigido pela Capes e conseqüentemente pelos programas de pós-graduação, que é dois ou três produtos por ano. Lembrando que este número exigido leva em consideração o fator de impacto ou indexação do periódico, sendo necessário ser relevante para a área a qual pertence.

A análise dos dados foi orientada pela Análise do Discurso (AD), mais especificamente a conhecida como escola francesa da AD. Essa escolha se deve à abordagem norteadora da presente pesquisa: o pensamento de Michel Foucault, que em sua obra trata repetidamente dos discursos, seja de uma sociedade, seja de uma profissão. Orientada pela AD porque apesar de utilizar elementos desta para o tratamento dos dados coletados, todo o processo de análise tanto dos documentos quanto das entrevistas foi construído tendo por base as referências metodológicas abordadas por Foucault ao longo de sua obra.

Assim, para analisar a constituição de si do sujeito-pesquisador, utilizou-se, neste trabalho, as quatro formas elencadas por Foucault (2009c) pelas quais se podem analisar as diferentes maneiras de conduzir-se do sujeito: a determinação da substância ética, o modo de sujeição, as formas de elaboração do trabalho ético e a teleologia do sujeito.

As quatro formas elencadas por Foucault aqui apresentadas, serviram como meta categorias de análise, servindo de base para a organização do corpus da pesquisa. Essas quatro categorias são, no computo geral do trabalho, não mais que ferramentas analíticas para podermos cumprir o objetivo maior do trabalho que é entender o engajamento.

4 RESULTADOS

Em linhas gerais, os participantes desta pesquisa possuem carreira consolidada na docência, bem como na pesquisa. A maioria dos participantes já está no exercício da atividade há mais de vinte anos e alguns já estão próximos da aposentadoria. Metade dos entrevistados afirmou ter participado do processo de implantação dos programas de pós-graduação ao qual

pertencem. Além disso, ser bolsista produtividade do CNPq ou de algum outro órgão de fomento à pesquisa é uma característica comum entre os participantes.

Para fins de análise, o quadro a seguir apresenta todos os trechos das falas dos depoentes que farão parte da análise nesta seção.

Quadro. Fala dos depoentes

Trecho	Fala
T1	[...] E a área de ciências humanas, do meu ponto de vista, há um certo equívoco de pensar que a gente não dá resultado pra sociedade. Nós damos muito resultado pra sociedade. Porque nós mexemos exatamente com a cabeça, com a visão de mundo que pode ou não ser produzido socialmente (P06).
T2	[...] eu me destaquei um pouco e eu comecei a pensar em seguir a carreira. Mas dentro de uma universidade privada isso é quase impossível (P05).
T3	[...] Fiz o concurso, passei, na verdade eu passei em primeiro lugar, mas a banca me deixou pra segundo, porque a primeira candidata era amiga de uma das bancas. Então houve essa, essa coisa “ética” né?! Que eu fiquei sabendo depois que eu entrei, porque uma outra pessoa da banca falou pra mim (P04).
T4	[...] Muda o nome, muda umas coisinhas e publica outra vez em revistinha que né... Então a pessoa pega um trabalho que já foi publicado lá... isso é falta de ética total (P05).
T5	[...] Essa história de número de publicações, isso mudou muito. Quando eu voltei do meu doutorado, o sujeito que publicava dois artigos por ano era o tal, hoje quem publica dez não é o tal, na minha área. Infelizmente ou felizmente, não sei. É que o ritmo mudou muito. O estilo mudou muito. Eu até que consegui acompanhar né... (P08).
T6	[...] Minha aluna ganhou um prêmio de melhor tese da Capes. Agora nós vamos pra Brasília. Você não sabe a alegria que eu sinto, a emoção que eu sinto pelo aluno e por eu ser a orientadora. É uma tremenda vaidade. O ser humano é assim entendeu. E isso me deixa muito contente [...] Uma professora falou assim: “Coloca na sua porta que você ganhou o prêmio Capes”. Eu falei: “Imagina! que vergonha! Não vou fazer isso jamais, é autopromoção. Nada disso” (P11).
T7	[...] É que na verdade a gente trabalha muito mais do que as oito horas regulamentares né. É muito comum eu trabalhar de final de semana, é muito comum eu trabalhar a noite, isso é bem comum. [...] Não dá pra dizer que eu saio daqui e me desligo, isso não acontece (P07).
T8	[...] Corrijo trabalho de manhã, de tarde, de noite, sábado, domingo e feriado. Na verdade assim ó, eu corrijo bastante trabalho em casa. Porque eu tenho muitas atividades (P04).
T9	[...] Assim, com frequência eu levo alguma coisa pra ler, que nem amanhã, amanhã eu vou sair da aula na fazenda e vou pro aeroporto. Quarta feira eu vou estar o dia inteiro fora. Vai ter alguma coisa lá no aeroporto que, enquanto eu fico sentado eu vou ler (P03).
T10	[...] existe uma pressão da universidade, mas realmente eu tenho que reconhecer que a pressão pessoal minha por fazer um bom trabalho, é muito maior do que a pressão que eu porventura possa sentir de algum outro local específico (P07).
T11	[...] Não há pressão alguma! Há pressão se você quer entrar nesse sistema, tá certo?! Mas essa opção é uma opção pessoal. Aí pessoas que, por exemplo, não produzem ou produzem muito pouco, não sei qual é o motivo, pra mim é difícil entender, acabam

	entrando nesse sistema, sentem-se pressionadas a entrar. Eu nunca senti essa pressão, de novo, foi a minha vocação. Então essas pressões, essas coisas pra mim, elas não fazem sentido (P02).
T12	[...] Se você se credenciou num programa de pós-graduação, você foi livre pra fazer esse credenciamento. E ao fazer o credenciamento, você sabe das regras, que você tem que produzir para que o seu programa não seja penalizado. Então, pra mim, se chama responsabilidade (P06).
T13	[...] do meu ponto de vista, se você tem dedicação exclusiva, se você recebe um adicional no salário para fazer pesquisa, que é o seu TID, isso é o mínimo, entendeu?! Ninguém é exaurido porque publica um artigo por ano, se está só no mestrado, ou publica-se dois artigos porque está no mestrado e doutorado. Então, eu não entendo como algo absolutamente desgastante, se você tem TID pra isso, se você tem bolsa pra isso, se você tem redução de carga horária pra isso entendeu?! Eu entendo como um compromisso moral (P06).
T14	[...] Eu não fico irritada porque eu tenho que fazer um artigo. Essa é a diferença. Eu não fico irritada porque eu tenho que dar um parecer pro CNPq. Sou eu que assumi as regras do jogo, e eu gosto muito de fazer isso (P06).
T15	[...] Então eu procuro fazer assim: eu tenho que ter pelo menos dois, se eu conseguir um A1, um por ano pra mim estou satisfeita. Esse ano eu tenho três A1 eu acho (P05).
T16	[...] eu estipulo em torno de 6 a 8 artigos por ano na minha trajetória. Eu sempre procuro publicar 2 ou 3 artigos da minha pesquisa em específico, e 4 ou 5 artigos do meu grupo de pesquisa (P06).
T17	[...] as pessoas ficam incomodadas né, muitas vezes ficam incomodadas, mas eu sempre falo “isso aí é resultado do meu trabalho”, eu não obrigo ninguém, eu nunca critiquei ninguém por mais nem menos (P02).
T18	[...] O que a Capes exige em linhas gerais, é coisa que uma pessoa que de fato está trabalhando não tem dificuldade de fazer. É um ou dois artigos por ano. Não lembro mais agora. Olha, pelo amor de Deus, se a pessoa não consegue... Você está numa universidade pública, você tem o privilégio de dar relativamente poucas aulas, se você não consegue produzir um artigo por ano, poxa, então é sinal de que o dinheiro público está sendo muito mal empregado, pelo amor de Deus! Aí as pessoas começam com o discurso, tudo bem, nem todo mundo tem facilidade como eu tenho, concordo; mas as pessoas começam com o discurso de que estão desmaiando pelos cantos, eu acho um pouquinho de exagero, não é bem por aí (P09).
T19	[...] a cobrança gerou dentro do meu grupo. Meu grupo é muito produtivo, então dentro desse grupo que é muito produtivo e muito ligado à pesquisa, ou eu me inseria nele ou eu me sentiria sempre às margens, marginalizada entendeu? Tá dentro do meu grupo. Não é dentro da universidade, a universidade me cobra X, mas o meu grupo me cobra X mais mil. É a pressão do grupo (P11).
T20	[...] a publicação ela é necessária para o programa. Um programa não se sustenta sem publicação, se eu não tiver publicação o programa fecha né (P04).
T21	[...] Mas se tem um engajamento com a Capes, que investe um dinheiro grande, não é pequeno não, infelizmente, poderia ser muito mais, mas é um dinheiro, enfim. E você tem o comprometimento com a universidade, que conta com isso. Você tem um comprometimento com a sobrevivência do programa (P05).
T22	[...] Na minha área, periódicos nacionais, são em número bastante reduzido. Então nós somos obrigados a publicar internacionalmente. Mesmo porque os programas de pós-graduação, eles são avaliados no sentido da publicação qualificada. Então um periódico precisa ser indexado em vários indexadores pra valer para o programa. E isso faz com que a gente seja obrigado a publicar (P07).

T23	[...] o meu olhar pra pesquisa é um olhar de formação de recursos entendeu?! Eu faço pesquisa junto com o meu aluno, eu estou formando esse aluno pra fazer pesquisa, pra formar novos pesquisadores (P05).
T24	[...] Então não existe opção, se você não publica, você é um prejuízo pra sociedade. Pra mim a noção é clara. Você tá armazenando uma informação que foi paga publicamente... Se você não publicar, é puro egoísmo, porque você tá guardando uma informação que é de direito público, não tem como ser diferente (P12).
T25	[...] Eu sou bem lida também. Então assim, acho que o fato de ser reconhecida é uma coisa que eu acho importante. E em termos, reconhecida pelos pares e reconhecida por instituições também (P01).
T26	[...] Você tem que publicar nos periódicos que você acha que tem mais chances de ser lido. Porque se você não é lido você também não é citado, e se você não é citado, você não existe. A ciência tem seu lado cruel também. Você não pode passar despercebido; se você passar despercebido você não consegue dinheiro para o próximo projeto. Você tem que publicar e ser lido e ser citado. Não basta publicar (P08).
T27	[...] nós somos pessoas normais, absolutamente normais. Você não precisa ser louco pra fazer pesquisa não. Agora tem que ter disciplina, persistência, aí você tem que ter, senão não faz. Eu sou a idealizadora, eu sou aquela pessoa que não pode desistir nunca (P05).
T28	[...] Só pode dizer que faz pesquisa, aquele que pensa no bem comum. [...] Pode ser utopia, os meus colegas todos dizem isto. Mas eu vivo muito bem pensando nisso como uma utopia, não é? (P06)
T29	[...] E pesquisador pra mim, não pode pensar em exigência de publicação. É uma exigência que a gente vive? É uma exigência! Mas você tem que achar um meio termo, uma coisa que você goste de fazer. Pesquisador bom tem que gostar de fazer, você entendeu?! (P11)

Fonte: Dados da pesquisa.

4.1 Sobre o sujeito da pesquisa

Os professores-pesquisadores exercem em todos os níveis, seja para com os alunos ou orientandos, seja para com os seus pares, relações de saber e de poder que vão formando os discursos dentro desse campo acadêmico-científico. Discursos estes que através das relações de poder tornam-se hegemônicos ou não, conduzindo as práticas e a constituição dos sujeitos. Alguns destes discursos são visíveis nas falas dos pesquisadores e merecem ser aqui apontados.

Um dos discursos, por exemplo, existente no meio científico, é o da superioridade das ciências exatas ou biológicas, consideradas *hard*, em relação às ciências humanas. A fala de P06 corrobora a existência desse discurso ao mesmo tempo em que tenta combater esse aspecto ideológico, apontando qual seria a contribuição das ciências humanas (T1).

Outro discurso hegemônico que envolve as instituições de ensino superior no país, é o da falta de investimento ou incentivo para a pesquisa nas instituições privadas. Como

afirma P05 ao falar sobre o início da sua carreira, o que a fez procurar ingressar na rede pública de ensino superior (T2).

E quando se fala em ingressar na rede pública, vêm à mente os concursos e procedimentos necessários. O professor-pesquisador que sonha em ter uma carreira consolidada e apoio para isso, vê nas universidades públicas a mais garantida alternativa para tal. Porém, um outro discurso predomina na área: o do ingresso e concessão de bolsas não por mérito e resultados das provas, mas sim pelas relações de amizade e poder dos sujeitos envolvidos, como aponta P04 (T3).

Mas, segundo os depoentes, a falta de ética não está presente apenas nos processos de entrada e concessão de bolsas, alguns pesquisadores acabam usando de estratégias nada éticas para conseguirem cumprir requisitos ou melhorar seus currículos. Uma das práticas existentes é a “repaginada” de um trabalho já publicado para conseguir nova publicação em outro periódico ou revista (T4).

Essa busca por emplacar cada vez mais publicações pode ser atribuída ao fato de o discurso hegemônico referente às publicações ter mudado. Como afirma P08, há determinado tempo, no início da década de 80, para ser considerado reconhecido como um bom pesquisador na sua área, o professor tinha que publicar um número bem inferior ao dos dias atuais (T5).

O discurso predominante hoje no meio acadêmico-científico é de que pesquisador bom é aquele que tem um volume considerável de publicações, número significativo de orientações, participações em eventos, projetos de pesquisa financiados, etc. Prestígio e reconhecimento são o mínimo que se pode almejar, seja da comunidade científica ou apenas dos seus alunos. Como apontado por P08 no trecho 5, mesmo que estranhe a mudança da exigência em relação a produção, ele se gloria, se alegra, pois conseguiu acompanhar a mudança.

Uma das demonstrações de reconhecimento são as premiações de trabalhos e/ou artigos em eventos e/ou instituições. Como coloca P11 numa das entrevistas mais sinceras e envolventes, ao falar do prêmio recebido pela tese da sua aluna, admite a vaidade que existe e também da sugestão de uma colega sobre a divulgação de tal feito (T6).

Essa vaidade, esse status, esse reconhecimento, tudo isso são desejos muito velados entre os pesquisadores. Ninguém admite, muitos consideram arrogante ou até mesmo ridículo a divulgação de aceites de publicação ou prêmios nas portas de suas salas. E assim nessas relações, um conduz o outro na maneira de se transformar, de se relacionar com as regras do campo e de se constituírem como sujeitos pesquisadores.

4.2 O engajamento como parte do trabalho ético na constituição do pesquisador

Nesta pesquisa, presumimos que a principal substância ética a ser tratada aqui é a que rege o sistema de publicação, que envolve o sistema de avaliação da Capes (que, por sua vez, tem impactos no CNPq e nos programas de pós-graduação, bem como nas regras e exigências de periódicos e revistas).

Tendo determinado a substância ética, é possível identificar o modo de sujeição, ou seja, o modo como o sujeito deve relacionar-se com a regra a qual se vê obrigado a cumprir e também a forma como deve se reconhecer ligado a essa obrigação. Nesse sentido, identificamos cinco formas pelas quais os sujeitos desta pesquisa se relacionam com a regra ou como se veem ligados a ela: (I) como uma obrigação e resposta à pressão; (II) como um caminho para a formação de recursos humanos; (III) como uma forma de reconhecimento, mesmo não existindo meritocracia; (IV) como um compromisso social e retorno do investimento público; e (V) como uma satisfação pessoal, pelo simples prazer de produzir.

As formas de elaboração do trabalho ético dizem respeito aos atos envidados pelo sujeito a fim de adequar seu comportamento à regra que se deve cumprir. Envolve, mais diretamente, as atitudes do sujeito “para tentar transformar a si mesmo em sujeito moral de sua própria conduta” (FOUCAULT, 2009c, p. 35).

A teleologia do sujeito moral comporta o sujeito em constituição no tempo, não mais dependendo de uma atitude específica em relação a um código específico, mas agora como um modo de ser, uma postura de vida que pode ser identificada pelo conjunto de suas ações morais (FOUCAULT, 2009c). A seguir abordamos os principais trechos que evidenciam estas formas de elaboração do trabalho ético.

A fala de P07 deixa evidente tanto a modulação do tempo como a modulação do espaço, visto que o trabalho durante a noite ou aos finais de semana pressupõe que esteja em sua residência (T7).

Dois elementos do conceito de engajamento (SHAUFELI E BAKKER, 2010), estão presentes na fala de P07: o vigor e a absorção. O vigor revela a disponibilidade, a qual significa que o depoente sente-se pronto física, cognitiva e emocionalmente para investir suas energias no trabalho a qualquer momento ou período do seu dia. E a absorção, é revelada pela dificuldade que o pesquisador tem de se desligar do seu trabalho, afirmando que “isso não acontece”.

Semelhantemente, a depoente P06 também revela absorção em relação ao trabalho, sendo até mesmo mais enfática quanto à sua ligação com o mesmo: “Eu sou o meu trabalho e minha vida é o meu trabalho e enfim. Porque o trabalho pra mim não se separa” afirma P06. Como não se separa?! Tem-se que sua vida é em função do trabalho?! E as outras partes da sua vida?! A absorção da depoente no trabalho revela tamanha significância e sentimento de pertencimento dela para com o mesmo, apontando para a existência de um trabalho ético na constituição de si como pesquisadora.

Esta absorção pelo trabalho é revelada na fala de outros pesquisadores, como P04 e P03. Nos trechos 8 e 9, é possível identificar a modulação do tempo e do espaço como algo comum à atividade de um pesquisador.

Porém essa absorção, essa dedicação investida no trabalho da pesquisa, para os pesquisadores aqui entrevistados, é mais uma decorrência de uma pressão pessoal do que qualquer outra influência externa. Como P07 reconhece, pode até existir uma pressão da universidade, mas a pressão pessoal sua prevalece (T10).

Os depoentes concordam em afirmar que a pressão existe para aquele que quer estar no meio, ou seja, tem que partir do próprio sujeito o querer estar sob essa pressão. Para alguns depoentes é até mesmo contraditório um professor/pesquisador reclamar por ter que produzir, quando foi ele quem, estando ciente das regras do jogo, escolheu estar na pós-graduação ou ser bolsista do CNPq, por exemplo (T11 e T12).

Como ressaltado pela depoente P06, o pesquisador ao se vincular a um programa de pós-graduação, está ciente das regras do jogo. A depoente vê nessa relação do sujeito com o seu programa, um compromisso moral em resposta a todo o aparato que é fornecido para que ele desenvolva seu trabalho (T13 e T14).

Na prática, os pesquisadores assumem para si as regras desse jogo e as fazem funcionar estipulando metas de produção ou apenas seguindo seu ritmo de trabalho, que para os depoentes não é de maneira nenhuma, desgastante, mas que estão além daquilo que lhes é exigido como mínimo necessário (T15 e T16).

Ao estabelecerem metas pessoais acima daquilo que é a sua obrigação e alcançarem tais metas, os pesquisadores demonstram como influenciam as regras do jogo, fornecendo dessa maneira novos parâmetros para comparação e avaliação de seus pares (T17 e T18).

Em ambos os trechos citados, vemos aquilo que Foucault (2009a) definiu como conduta: ao definirem a maneira de se conduzirem nesse campo, os pesquisadores estão também influenciando a conduta dos outros. Mesmo quando P02 fala “eu não obrigo

ninguém, eu nunca critiquei ninguém por mais nem menos”, a sua própria maneira de se conduzir está implicando uma pressão sobre o comportamento dos demais. Como no caso de P11, que remete ao grupo de pesquisadores do seu departamento o fato de ter tido que aumentar o seu volume de produção (T19).

Mas uma pergunta é importante: para quem este engajamento está sendo produzido? Como vimos no embasamento teórico, o engajamento no trabalho (este é o foco nesta pesquisa), difere do engajamento do empregado com a organização, pois este último pode ser entendido como comprometimento organizacional (SHAUFELI E BAKKER, 2010).

Provavelmente o ponto mais destacado nas falas dos pesquisadores refere-se à importância da publicação para os programas com os quais estão vinculados (T20 e T21).

A fala de P07 “e isso faz com que a gente seja obrigado a publicar” ao se referir à necessidade que o programa tem de ser avaliado no sentido de uma publicação qualificada, poderia remeter somente a um comprometimento deste pesquisador para com o seu programa e não ao engajamento estudado nesta pesquisa. Contudo, o engajamento no trabalho é revelado quando a produção deste pesquisador não se limita às necessidades do programa que está inserido, vai além do comprometimento organizacional (T22).

Para outros pesquisadores, o engajamento no trabalho está relacionado ao impacto que isso tem em seus alunos. Muitos pesquisadores veem a sua função como sendo formadora de recursos humanos. Então esse engajamento no trabalho que eles demonstram, é para influenciar e servir de exemplo talvez, visto que seus alunos estão buscando se constituírem pesquisadores também (T23).

Outro público alvo desse engajamento com a produção acadêmica dos pesquisadores é a própria sociedade. Como aponta P12, suas pesquisas são financiadas com dinheiro público e, portanto, deve prestar contas à sociedade através da divulgação dos resultados das mesmas (T24).

O elemento dedicação revela a significância, que está por trás desse engajamento com a produção acadêmica. O entusiasmo, o orgulho e valorização são fatos resultantes desse engajamento e ao mesmo tempo funcionam como fatores que impulsionam a continuarem (T25).

Essa valorização ou reconhecimento apontado por P01, que se busca dos seus pares e das instituições, é também ressaltada por P08, que vai mais além no sentido de ser reconhecido como pesquisador (T26).

Como afirma P08, a publicação não basta para o sujeito ser reconhecido como pesquisador. Tem que ser lido e ser citado! Não importa a divulgação dos seus resultados da

pesquisa somente pela divulgação ou propagação da ciência, importa o que a divulgação desses resultados pode trazer de benefícios? Seria esse o sentido do engajamento com a produção acadêmica de P08?

Cabe aqui a reflexão sobre qual o sujeito que emerge desse engajamento? Qual o tipo de sujeito-pesquisador se quer tornar com a adoção das práticas de si identificadas? É possível que haja um modelo ideal ou um pesquisador-padrão que norteie essas práticas?

Primeiro ponto: não precisa ser louco ou diferente para ser um pesquisador. Na visão de P05, tem que se ter disciplina e persistência. É o elemento vigor do engajamento, que demonstra a energia e resiliência mental necessária para um pesquisador (T27).

Segundo ponto: o pesquisador tem que ser aquele que se preocupa com o bem comum, com o retorno para a sociedade e gostar do que faz. É o elemento da dedicação, que remete a significância, desafio e propósito do engajamento (T28 e T29).

Terceiro ponto: tem que haver no trabalho do pesquisador um exercício ético no sentido de se preocupar não apenas com os números de publicação, não apenas com a parte técnica da atividade em si, de modo que tudo isso não seja levado de maneira automática pelos pesquisadores. A teleologia do sujeito moral comporta o sujeito em constituição no tempo, não mais dependendo de uma atitude específica em relação à um código específico, mas agora como um modo de ser, uma postura de vida que pode ser identificada pelo conjunto de suas ações morais (FOUCAULT, 2009c).

Nesse sentido, corroboramos com o que P06 afirma sobre a necessidade de uma orientação ética por trás do trabalho de cada pesquisador. As relações de poder implicam em possibilidades de interferência social muito grande, visto que são pessoas formadoras de opinião. Encerramos este capítulo com o trecho da fala de P06, que acreditamos sintetizar a visão sobre o engajamento dos professores com a produção acadêmica:

[...] Numa instituição pública é você que é o seu avaliador. É você que tem: “eu estou agindo com ética, eu estou produzindo, é o suficiente, suficiente não numa medida quantitativa, mas estou fazendo jus ao que a sociedade está me pagando”? Então são questões que eu sempre me pergunto e me pergunto sempre no sentido de uma avaliação. **Eu não me acho em nenhum momento vítima do sistema, eu não acho em nenhum momento que eu produzo porque a Capes exige que eu produza e eu não acho em nenhum momento que é possível nós não fazermos nada; muito pelo contrário, eu acho que ser pesquisador implica numa grande possibilidade de interferência social.** E essa interferência ela se dá pelos artigos, ela se dá pela sua produção, pela sua orientação, pelos congressos que você vai, pelos seus posicionamentos, então eu acho que eu sou uma pesquisadora engajada sim (P06).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que os sistemas de controle atuem de forma bastante eficaz por meio de uma série de regras, normas e convenções, para que se constitua enquanto sujeito, o indivíduo tem à sua disposição um campo de ação que permite intervir neste processo.

Esta pesquisa baseia-se naquilo que Foucault (2014) chamou de artes da existência e técnicas de si, que devem ser entendidas como as práticas racionais e voluntárias pelas quais os homens não apenas determinam para si mesmos regras de conduta, como também buscam transformar-se, modificar-se em seu ser singular, e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores.

No entanto, uma ação, para ser dita “moral”, de acordo com Foucault (2014, p. 207-208), não deve se reduzir a um ato ou a uma série de atos conformes a uma regra, a uma lei ou a um valor. Na verdade, para o autor, toda ação moral implica uma relação com o real em que ela se realiza, e uma relação com o código ao qual ela se refere; mas também implica uma certa relação consigo mesmo; esta não é simplesmente “consciência de si”, mas constituição de si como “sujeito moral”, na qual o indivíduo circunscreve a parte dele próprio que constitui esse objeto de prática moral, define a sua posição em relação ao preceito que ele acata, determina para si um certo modo de ser que valerá como cumprimento moral dele mesmo e, para realizar-se, age sobre ele mesmo, levando-o a se conhecer, a se controlar, a pôr-se à prova, a se aperfeiçoar e a se transformar.

Ao abordarmos a temática da produção acadêmica, percebe-se uma lógica da descoberta por publicação. A publicação é o parâmetro para se medir o desenvolvimento da ciência. Publicação que é medida e avaliada de acordo com a qualificação dos periódicos, pois não basta publicar, tem que publicar em periódico qualificado. O pesquisador nesse caso exerce o papel de escritor, que será reconhecido nesse campo conforme a qualificação dos periódicos em que publica. Ou ainda, indo mais além, só será reconhecido como escritor ou pesquisador se de fato for lido e for citado; como vimos na fala de P08: “Porque se você não é lido você também não é citado, e se você não é citado, você não existe”.

Num primeiro momento, percebeu-se que há entre alguns dos pesquisadores entrevistados uma resposta quase que automática para a pergunta norteadora desta pesquisa. A publicação para estes, é uma decorrência natural do processo de construção da ciência, “a ciência é feita de publicações”, é uma “consequência ou resultado do seu trabalho”.

Tem-se também a relação de compromisso para com os programas de pós-graduação aos quais estão vinculados. Tais programas são avaliados periodicamente para a

renovação de autorização de funcionamento. Assim, os pesquisadores têm o compromisso de, através das suas publicações, contribuir para uma boa avaliação dos seus programas.

Tal compromisso é expresso também para com as instituições que fomentam e proporcionam as condições ou recursos para a realização das pesquisas. Aqui se enquadram as fundações, as universidades, o CNPq e a CAPES. Percebeu-se que para alguns pesquisadores, a publicação é a forma de retribuir ou de “pagar” a estas organizações, aquilo que lhes foi dispensado por uma destas instituições. Atrelado a isso, está o compromisso social, visto que são recursos públicos que são investidos em suas pesquisas através destas instituições. Assim, existe também um sentimento de dívida para com a sociedade, um compromisso que deve ser expresso através da produção acadêmica.

Para outros depoentes, o sentido do engajamento com a produção acadêmica é atrelado à visão de formação de recursos que possuem sobre o campo. Entendendo que existe a possibilidade de interferência social através da formação de seus alunos e orientandos, fazem da produção acadêmica a maneira de ensinar, reforçar e inculcar os preceitos que acreditam ser necessários para a formação de um bom pesquisador.

Mas há também aqueles que debruçam o sentido do seu engajamento na vocação e na paixão pelo que fazem. Não se sentem pressionados por qualquer força externa, mas sim por eles próprios. São movidos pela paixão, pela curiosidade, por aprender coisas novas, tentar de outra maneira aquilo que já foi feito.

Assim, entendemos que o trabalho ético pressupõe um engajamento por parte do sujeito, necessário para a sua transformação naquilo que professa ou almeja ser. Vimos que para isso, os pesquisadores impõem certas práticas de si como metas de publicação, escolha de periódicos qualificados, dispêndio financeiro, trabalho fora do local e horário de trabalho, dedicação, vigor e absorção completa no que fazem.

Foucault (2014) lembra que é possível que essas práticas de si estejam associadas a estruturas de código numerosas, sistemáticas e coercitivas. É até possível que elas quase se apaguem em benefício desse conjunto de regras que então parece como o essencial de uma moral. Mas segundo o autor, também é possível que constituam o foco mais importante e mais ativo da moral e que seja em torno delas que se desenvolva a reflexão. As práticas de si assumem assim a forma de uma arte de si, relativamente independente de uma legislação moral.

Apesar de reconhecerem a necessidade de publicação advinda de todo um sistema, os pesquisadores defendem a necessidade de encontrarem um sentido para o que fazem. Reconhecem que não estão agindo sob coerção, pressão ou obrigação; pois se fosse por isso,

estariam publicando apenas dois artigos por ano e isso já seria suficiente para atender a exigência da CAPES ou dos programas. Mas o fato é que produzem mais do que o exigido, eles mesmos estipulam a produção que deverão alcançar. É um exercício de si sobre si mesmo visível através das práticas que se impõem.

Por fim, compartilhamos da concepção de Foucault a respeito do trabalho de um intelectual ou pesquisador como temos nessa pesquisa. Para o autor, o trabalho de um intelectual não é moldar a vontade política dos outros; é através das análises que faz nos campos que são os seus, o de interrogar novamente as evidências e os postulados, sacudir os hábitos, as maneiras de fazer e de pensar, dissipar as familiaridades aceitas, retomar a avaliação das regras e das instituições e, a partir dessa nova problematização (na qual ele desempenha seu trabalho específico de intelectual), participar da formação de uma vontade política (na qual ele tem seu papel de cidadão a desempenhar) (FOUCAULT, 2014, p. 243).

REFERÊNCIAS

- BOAS, Ana Alice Vilas. MORIN, Estelle M. Sentido do trabalho e fatores de Qualidade de Vida no Trabalho: a percepção de professores brasileiros e canadenses. **Revista Alcance** – Eletrônica – vol. 23 – n. 3 – jul./set. 2016.
- CANDIOTTO, Cesar. **Foucault e a crítica da verdade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Curitiba: Champagnat, 2010. – (Coleção Estudos Foucaultianos, 5 / Coordenador Alfredo Veiga-Neto).
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Petrópolis/Lisboa: Editora Vozes, 1972.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **Il faut défendre la société. Cours au Collège de France, 1975-1976**. Édition établie par François Ewald et Alessandro Fontana, par Mauro Bertani e Alessandro Fontana. Paris: Seuil/Gallimard, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos, volume V: ética, sexualidade, política**. Manoel Barros da Motta (Org.); tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a.
- FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. MICHEL FOUCAULT. **Uma Trajetória Filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2ª. Edição Revista. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. Coleção Biblioteca de Filosofia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009a.
- _____. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009c.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos, volume V: ética, sexualidade, política**. Manoel Barros da Motta (Org.); tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. – 3.ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- FREITAS, Maria Ester de. O Pesquisador hoje: entre o artesanato intelectual e a produção em série. **Cad. EBAPE.BR**, v. 9, nº 4, opinião 1, Rio de Janeiro, Dez. 2011.
- PATRUS, Roberto; DANTAS, Douglas Cabral; SHIGAKI, Helena Belintani. O produtivismo acadêmico e seus impactos na pós-graduação stricto sensu: uma ameaça à solidariedade entre pares? **Cad. EBAPE.BR**. v. 13, nº 1, artigo 1, Rio de Janeiro, Jan./Mar. 2015.
- SCHAUFELI, Wilmar B.; BAKKER, Arnold B. Defining and measuring work engagement: Bringing clarity to the concept. In: **Work engagement: a handbook of essential theory and research/** edited by Arnold B. Bakker and Michael P. Leiter. New York: Psychology Press, 2010.
- TOURINHO, Manoel Malheiros; PALHA, Maria das Dores Correia. A Capes, a universidade e a alienação gestada na pós-graduação. **Cad. EBAPE.BR**, v. 12, nº 2, artigo 5, Rio de Janeiro, Abr./Jun. 2014.
- ZARIFIAN, Philippe. Engajamento subjetivo, disciplina e controle. **Novos Estudos**. CEBRAP. N.º 64, novembro 2002. p. 23-31.
- XAVIER, Wlamir Gonçalves; GODOI, Christiane Kleinubing. Panopticon Acadêmico. **Revista Gestão e Planejamento**. Salvador, v. 11, n. 1, p. 91-103, jan./jun. 2010.